

A NOVA EDIÇÃO DOS DIÁLOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

Leonardo Dantas SILVA

Uma das incógnitas da historiografia brasileira dizia respeito à autoria dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, cujo texto está datado do segundo semestre do ano de 1618 e que chegaram aos nossos dias sem que os estudiosos, que nele se debruçaram durante séculos, definissem com precisão quem seria o autor de tão importante obra.

A obra, com nova e moderna apresentação, aparece agora em edição, revista e anotada pela Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, numa produção da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, lançada dentro da *Série Descobrimientos*, que comemora o V Centenário do Descobrimento do Brasil em 1500, atualmente no seu décimo lançamento.

O manuscrito foi descoberto, inicialmente, por Francisco Adolpho de Varnhagen, na Biblioteca Nacional de Lisboa, dele encontrando, anos mais tarde, uma outra cópia na Biblioteca da Universidade de Leiden, na Holanda, da qual fez copiar o seu texto e, três anos depois, passou às mãos de José de Vasconcelos, proprietário do *Jornal do Recife*, de quem era amigo. De posse da cópia, José de Vasconcelos, um estudioso da história do Brasil, fez publicar no seu jornal o *Diálogo primeiro*, transferindo a tarefa da continuação de sua publicação para o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

O texto completo dos *Diálogos das Grandezas do Brasil* vem a ser publicado integralmente na *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, entre os anos de 1883 e 1887, nº 28, 31, 32 e 33, e por iniciativa de Capistrano de Abreu, no *Diário Oficial*, de

fevereiro a março de 1900. A 1ª edição autônoma do livro teve o patrocínio da Academia Brasileira de Letras, com introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia (Rio de Janeiro: Of. industrial gráfica, 1930. 316 p.) e a 2ª é das Edições Dois Mundos (Rio de Janeiro, 1943).

O apógrafo [manuscrito] de Leiden, no qual se baseou a edição da *Revista do Instituto Arqueológico*, encontra-se inscrito sob catálogo "Voss. Var. L. Q 14", encadernado em pergaminho juntamente com três outros manuscritos, sob o título *Diálogo das Grandezas do Brasil*, constando o seu texto de 157 folhas, escritas em letra do século XVII. Pertencera à Rainha Cristina da Suécia [1626-89], passando desta para o filólogo Isaac Vossius [1577-1649] e posteriormente aos Estados Gerais dos Países Baixos, que o compraram para a Biblioteca da Universidade de Leiden. Por sua vez, o manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, guardado na Secção de Reservados, código 6.819, Fundo Geral, consta de 106 folhas, com anotações às margens e um índice a partir das folhas 107 também elaborado, ao que parece, no século XVII.

Os *Diálogos das Grandezas do Brasil*, segundo José Honório Rodrigues, "são documentos capitais do século XVII e constituem a crônica mais positiva, a descrição mais viva, da sociedade, da economia dos moradores do Brasil, gentios, reinóis, mazombos e negros".¹ Para Rubens Borba de Moraes, "trata-se de uma das fontes mais interessantes do período colonial brasileiro, pelo grande número de informações que apresentam ao leitor de hoje".²

A importância do seu conteúdo é reconhecida e proclamada por todos os historiadores, mas restava aos estudiosos estabelecer a sua verdadeira autoria, preocupação esta observada desde o século XVII no índice e nas anotações marginais contidas no apógrafo de Lisboa.³ Várias hipóteses foram formuladas, inclusive pelo próprio Varnhagen que pensava ser o seu texto de autoria do cristão-novo Bento Teixeira,

(1) RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil: história colonial*. São Paulo: ed. Nacional; Brasília: INL, 1979. p. 371.

(2) MORAES, Rubens Borba de. *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949. p. 403.

(3) MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Estudos pernambucanos: crítica e problemas de algumas fontes da história de Pernambuco*. 2ª ed. aumentada. Recife: FUNDARPE; Diretoria de Assuntos Culturais, 1986. Coleção pernambucana, 2ª fase, v. 23. p. 56.

cabendo a Capistrano de Abreu sugerir a possibilidade de serem escritos por Ambrósio Fernandes Brandão, sem, contudo, apresentar argumentos que pudessem consolidar a sua informação.

Coube ao Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, da então Universidade do Recife, em comunicado ao Congresso de História Comemorativo ao Tricentenário da Restauração Pernambucana, realizado no Recife em 1954, trazer informações que vieram atribuir a Ambrósio Fernandes Brandão a autoria dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Seis anos depois, quando da publicação da primeira edição de *Estudos Pernambucanos: crítica e problemas de algumas fontes da história de Pernambuco*. Recife: Imprensa Universitária, 1960, pôde ele expor, de forma magistral, os elementos que o levaram a reconhecer Ambrósio Fernandes Brandão como o verdadeiro autor dos *Diálogos*. Nesse seu livro, que se constitui um exemplo de aplicação da crítica de autoria em nosso país, o autor chama a atenção para o pouco cuidado com que se fizeram as edições de textos básicos da historiografia brasileira e pernambucana em particular, geralmente eivadas de falhas de leitura paleográfica e de interpretação. Em 1962, através da Imprensa Universitária da Universidade do Recife, José Antônio Gonsalves de Mello veio publicar a primeira edição integral dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, por ele copiada e anotada do manuscrito de Leiden. Parte de seu primitivo estudo foi reproduzido na introdução, o que se repete nesta 3ª edição integral, com o texto do livro revisto e anotado, segundo o manuscrito de Leiden confrontado por vezes com o texto existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Uma segunda edição dos *Diálogos* aparece em 1966, editada pela Imprensa Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, depois traduzida para o inglês e publicada sob o título *Dialogues of the great things of Brazil*, com anotações e comentários a cargo de Frederick Arthur Holden Hall, William F. Harrison e Dorothy Winters Welker, prefácio do próprio José Antônio Gonsalves de Mello. Novo México (USA): Universidade do Novo México; Press University, 1987. 385 p. il. Inclui índices onomástico e de assuntos.

Informa José Antônio Gonsalves de Mello, no seu estudo introdutório a esta edição, que, ao escrever o seu relato, Ambrósio Fernandes Brandão contava com 63 anos de idade, vinte e cinco dos quais

vividos no Brasil, tendo sido proprietário de terras em São Lourenço da Mata⁴, figurando como depoente no processo da Inquisição de Lisboa contra Bento Teixeira (Processo nº 5.206. Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Nesse documento, datado de 20 de setembro de 1595, diz ser cristão-novo e ter a idade de 40 anos, exercendo o posto de "capitão de sua companhia de infantaria, morador nesta Vila de Olinda". Em outra ocasião, Ambrósio Fernandes Brandão aparece, no "caderno do promotor", denunciado por práticas judaizantes: Miguel Fernandes Luna, mourisco de nação, natural de Granada, o acusa da prática judaizante de guardar os dias dos sábados, perante o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, em 9 de novembro de 1606, informando possuir o denunciado residência naquela cidade, na Calçada do Combro - "... indo para baixo, em umas casas novas grandes, a mão direita" -, onde residia com sua mulher, Ana Brandoa, seus filhos, Mícia Henrique e Duarte Brandão, e na qual cultivava "uma horta e quinta... na dita casa". O denunciante era seu empregado, recebendo 50\$ por ano, "para lhe consertar um jardim de uma horta e quinta que tem na dita casa e fazer outras obras que lhe fossem necessárias", havendo, além dele, um hortelão de nome Antônio Alvares.

Ambrósio Fernandes Brandão descreve no seu manuscrito vários fatos e passagens ocorridos na segunda metade do século XVI (1583-97), dividindo o texto em seis "Diálogos" entre Brandônio, português com longos anos de residência no Brasil, um pregoeiro das virtudes da terra, e Alviano, um reinol recém-chegado que a tem "pela mais ruim do mundo". Durante sete dias tenta Brandônio convencer Alviano das "grandezas do Brasil", descrevendo em cada dia as suas paisagens e belezas naturais, a salubridade do seu clima, os benefícios do seu solo, a fauna e a flora das suas matas, a cultura da cana-de-açúcar e a produção dos engenhos, com as novas técnicas implantadas no início do século XVII, com a intenção de corrigir os enganos e as malquerenças de Alviano. Seu autor, que residiu em Pernambuco e na Paraíba, faz considerações interessantes sobre as relações sociais e econômicas, bem como quanto à presença do negro e do índio naqueles primeiros anos de nossa colonização. Descrevendo a Capitania de Pernambuco, assim situa a Vila de Olinda e o seu "Arrecife dos Navios":

⁽⁴⁾ *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil: denúncias e confissões de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE; Diretoria de Assuntos Culturais, 1984. Coleção pernambucana, 2ª fase, v. 14. p. 231 e 260.

Está esta vila situada em uma enseada, da qual saem duas pontas ao mar; de uma delas se forma o cabo tão conhecido no mundo, por de Santo Agostinho, e a outra se chama a Ponta de Jesus, por nela estar situado um formoso templo dos padres da Companhia, chamado do mesmo nome. Contém em si toda a Capitania 50 léguas de costa, que toma principio de onde parte com a Ilha de Itamaracá até o Rio São Francisco, e dentro delas há infinitos engenhos de fazer açúcares, muitas lavouras de mantimentos de toda sorte, criações sem conto de gado vacum, cabras, ovelhas, porcos, muitas aves de voltaria e outras domésticas, diversos gêneros de frutas, tudo em tanta cópia que causa maravilha a quem o contempla e com curiosidade o nota.

Dentro na Vila de Olinda habitam inumeráveis mercadores com suas lojas abertas, colmadas de mercadorias de muito preço, de toda a sorte em tanta quantidade que semelha uma Lisboa pequena. A barra do seu porto é excelentissima, guardada de duas fortalezas bem providas de artilharia e soldados, que as defendem; os navios estão surtos da banda de dentro, segurísimos de qualquer tempo que se levante, posto que muito furioso, porque têm para sua defensão grandísimos arrecifes, a onde o mar quebra. Sempre se acham nele ancorados, em qualquer tempo do ano, mais de trinta navios, porque lança de si, em cada um ano, passante de 120 carregados de açúcares, pau do Brasil e algodão. A vila é assaz grande, povoada de muitos e bons edificios e famosos templos, porque nela há o dos Padres da Companhia de Jesus, o dos Padres de São Francisco da Ordem Capucha de Santo Antônio, o Mosteiro dos Carmelitas e o Mosteiro de São Bento, com religiosos da mesma ordem.

Empolgado com as coisas do Brasil, favorável à união das capitánias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, sob a direção de "senhor livre e isento de jurisdição e vassalagem", Brandônio demonstra que as riquezas dessas terras poderiam render "mais de um milhão de cruzados ou 400:000\$", quantia superior a arrecadada em toda Índia portuguesa.

Na descrição da paisagem enumera, como frutos da terra, o caju, que ocupa grande área e dele se aproveita o fruto, a castanha e a

própria seiva - "excelente para grudar papéis"-; o ananás, de cuja variedade surgiu o nosso abacaxi (século XVIII); a mandioca - "farinha de pau"-; a mangaba, a pitanga, a graviola, o tamarindo, dentre tantas que causavam espanto ao interlocutor Alviano.

Não faltaram, na paisagem descrita nos *Diálogos*, as madeiras das matas tropicais de importância econômica nos vários misteres. Além do *pau-brasil*, colhido, em Pernambuco, em terras de São Lourenço da Mata, Nazaré da Mata e Santo Antônio da Mata, o qual era usado na indústria de tinturaria, o autor sugeria *ourucue* o *genipapo*, desconhecidos na Europa mas também possuidores de características semelhantes. Relaciona Ambrósio Fernandes Brandão diversas espécies de madeira, de cores e utilidades diversas, em sua maioria desconhecidas na Europa de então: *açabengitas*, *jataúba vermelha*, *piquiá [pitiá]*, *amarelo jataúba maçaranduba*, *caraibas jacarandá* - "tão estimado em nossa Espanha para leitões e outras obras"-, *conduru*, *sapupira [sucupira]*, *camaçarim*, *pau d'arco*, *zabucai*, *pau gamela*, *muguba*, *canafistula*, *camará*, *pau-santo* e *pau ferro* - "célebres pela dureza" -, *bupaquii*, *cedro*, *angelim*, *burapiroca*, *buraem*, *corpaúba*, *urenbeúba*, *guanadim*, *guiri* - "que corta pelo ferro por ser mais duro que ele" - *mangue* "que nascem nos salgados entre rios" -, *tábuca* e *jangada* - "preferidos pela leveza e para fazer embarcações com este nome" -, *visgueiro* - pela seiva - *caroá* e *embira* - pela fibra - e *pau d'hástea* - para a fabricação de grandes lanças (piques).

... Estes poucos me ocorreram à memória entre os muitos de que puderam fazer menção, os quais são todos das Capitânicas da parte do Norte do Cabo de Santo Agostinho, porque das do Sul tenho pouca notícia, por não haver andado por aquelas partes.

Homem de letras, afeito à natureza, dedicado ao cultivo de plantas no Brasil e em Portugal, Ambrósio Fernandes Brandão, através dos "diálogos" entre os personagens Brandônio e Alviano, pintou com cores vivas o nosso ecossistema, escrevendo assim um dos mais deliciosos livros sobre a terra e a gente das capitânicas do Norte do Brasil, naquele início do século XVII, que, por certo, irá despertar o interesse do leitor dos nossos dias.

Nesta terceira edição integral, segundo o manuscrito da Biblioteca da Universidade de Leiden, fizemos incluir o nome de Ambrósio Fernandes Brandão na capa, folha de rosto e ficha catalográfica do livro, como autor de *Diálogos das Grandezas do Brasil*, 379 anos após haver concluído o seu texto original, reconhecendo com isso o notável trabalho de crítica de autoria desenvolvido pelo Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, em torno de tão importante obra da historiografia luso-brasileira.